

O primeiro ponto é o que podemos chamar de fator Supremo. Configura a referência mais elevada do peregrino. Representa a sua meta sagrada, o Norte, o seu puro ideal, a razão de ser de todo esforço. O elemento Supremo da vida transmuta para melhor todas as dificuldades. Ele dá o rumo, purifica a alma e permite que aprendamos o mais valioso. Nossa visão do que é Supremo em nossa existência muda à medida que avançamos no aprendizado. É um dever e uma bênção ter sempre claro este aspecto da jornada, atualizá-lo a cada instante, e manter-nos dignos dele.

O segundo elemento é o fator Concreto.

Toda torre necessita de uma base. Um prédio alto só resiste se o alicerce for sólido. O maior voo místico tem como sustentação uma vida pura no plano físico. Cabe compreender, simplificar, purificar e disciplinar os aspectos materiais da existência, assim como o mundo emocional. A vida terrestre é iluminada pelo céu, e todos os seres caminham na direção do conhecimento divino.

O terceiro elemento é o equilíbrio. É a proporção correta na combinação entre o espiritual e o físico, entre o mais alto e o mais material, entre o Sol e a Terra, a pressa e a paciência, o esforço e o descanso, a coragem e a prudência. A vida é simétrica e não basta ter uma meta, é preciso ter um sentido da proporção correta.

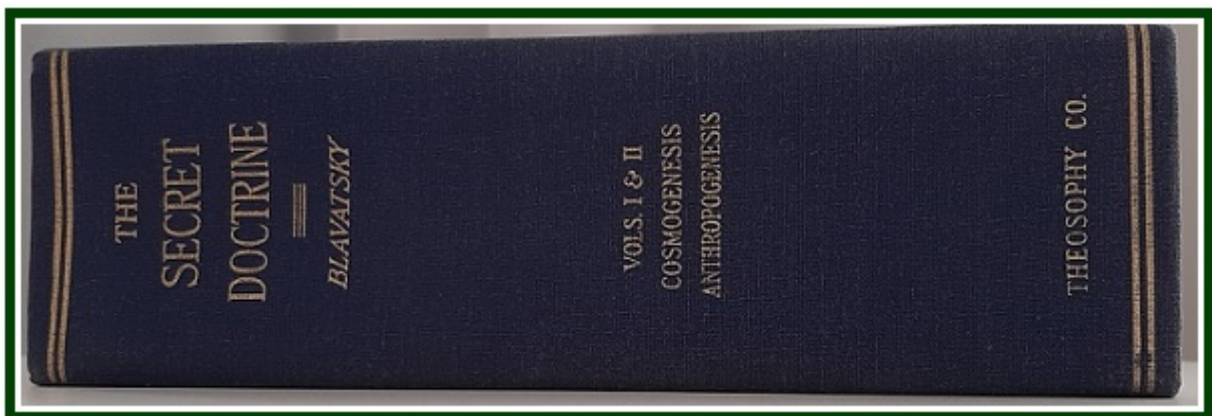
Finalmente, o quarto fator é a força.

A intensidade só é possível quando há uma equidade criativa na combinação do *Supremo* com o *Concreto*. Uma vez que estejam presentes os dois elementos iniciais e haja *Equilíbrio* entre eles, o quarto elemento surgirá sem perigo no tempo certo, formando a Tétrade e o Todo.

NOTA:

[1] Leia os artigos "[A Teosofia do Sinal da Cruz](#)" e "[A Lei da Simetria](#)".

A Doutrina Secreta, Antiga e Moderna



A Ciência oculta - tendo sobrevivido até mesmo à grande Inundação que submergiu os gigantes antediluvianos, e com eles a própria memória deles, com a exceção da Doutrina Secreta, da Bíblia e de outras Escrituras - ainda guarda a Chave para todos os problemas do mundo.

Apliquemos essa Chave aos raros fragmentos de cosmogonias esquecidas há muito, e tentemos, pelas suas partes espalhadas, restabelecer a Cosmogonia da Doutrina Secreta, que antigamente era Universal. A Chave serve para todas elas.

Ninguém pode estudar filosofias antigas seriamente sem perceber que a notável semelhança de concepção entre todos os fragmentos - com muita frequência na sua forma exotérica, e infalivelmente no seu espírito oculto - não é resultado de mera coincidência, mas de uma intenção abrangente: e resulta do fato de que havia, durante a juventude da humanidade, uma língua, um conhecimento, uma religião universal, e não havia igrejas, nem crenças ou seitas, mas cada homem era um sacerdote para si mesmo.

E, se for mostrado que, já naquelas eras que estão fora do alcance da nossa vista devido ao crescimento exuberante da tradição, o pensamento religioso humano se desenvolveu em simpatia uniforme em todas as partes do globo, então, fica evidente que aquele pensamento, nascido em qualquer latitude, no frio Norte ou nas regiões escaldantes mais ao Sul, no Oriente ou no Ocidente, foi inspirado pelas mesmas revelações, e que o ser humano foi alimentado sob a sombra protetora da mesma ÁRVORE DO CONHECIMENTO.

(Helena Blavatsky)

[Traduzido por CCA da página 341, volume I, de "[The Secret Doctrine](#)".]

Arte de Pensar Por Si Mesmo: **Abandonando Opiniões Automáticas**



As ideologias políticas e outros sistemas de ‘opinião organizada’ oferecem um sentimento falso de que sabemos tudo e podemos explicar cada um dos acontecimentos ao nosso redor. Para isso, bastaria colocar os fatos e situações num determinado sistema ideológico de referências, ou em nossa visão simplificada do mundo.

Na realidade, as opiniões fixas nos separam dos fatos e nos levam para longe da força sempre renovadora da realidade. Eles nos afastam da nossa própria intuição, de nossa capacidade natural de aprender, e nos isolam uns dos outros.

Em vez de espalhar uma ideologia - ou, pior, impor ideias aos outros - devemos aprender a sabedoria através do estudo e do diálogo solidário.

As ideologias se alimentam de propaganda e servem para enquadrar as mentes humanas em rebanhos de crentes. A teosofia, de outro lado, nos convida a buscar a verdade por nossos próprios meios, e a pensar por nós mesmos. O pensamento ideológico é o pensamento automático, e o pensamento automático não é pensamento algum. Os ‘sabetudos’ que têm explicação para todas as coisas são basicamente preguiçosos mentais e não querem pensar.

Uma ideologia tenta “fornecer o pensamento” para todos. Na filosofia você deve pensar com independência e ajudar os outros a pensarem por si próprios. Um verdadeiro professor de teosofia não lhe dirá O QUE pensar. Ele pode ajudá-lo a observar a maneira como você pensa e a ver caminhos para melhorar e expandir seu pensamento, por mérito próprio.

A filosofia clássica e a teosofia o convidam a ser inteiramente responsável por suas ações, seus sentimentos e seus pensamentos. Isso permite evitar o barulho mental das polêmicas entre pessoas psicologicamente surdas. Mas em que consiste a surdez mental? Se todos querem ser escutados ao mesmo tempo, todos tentam falar e ninguém escuta. É quando as pessoas sabem escutar que as conversas fazem sentido.

Poucas Palavras Dizem Mais

Falar não é o mesmo que dizer. Menos palavras podem dizer mais. E falar menos permite falar com mais sinceridade. Aquele que mede suas palavras fala pouco e diz a verdade.

Toda conversa lúcida inclui no seu processo o silêncio. Os momentos em que não há som dão mais força às palavras.

As ações dizem quem somos.

Quando as pessoas pensam nos seus direitos mas não tratam de cumprir os seus deveres, o resultado é que todos os direitos são desrespeitados. Fazer reivindicações insistentemente não é o caminho para a bem-aventurança.

Brigar menos por seus direitos e cumprir melhor os seus deveres abre as portas para uma sociedade justa e expande o nível de felicidade pessoal. Agindo construtivamente e fazendo o que é possível, fazemos o suficiente.

O Propósito do Estudo de Teosofia

É errado pensar que o objetivo da leitura atenta de textos teosóficos é adquirir conhecimento no sentido de “adquirir informação”.

A chave do estudo de teosofia está num fato muito simples. *A mente humana tende a adquirir a natureza e a substância daquilo em que reflete.* A meta é elevar a mente e a alma. Para isso a mente deve refletir sobre aquilo que é imortal e ilimitado.

Mera informação é coisa superficial. Normalmente entra por um ouvido e sai pelo outro. Os jornalistas deveriam refletir sobre isso, e também o público do “jornalismo” de hoje.

Tampouco tem grande valor o ato de memorizar palavras bonitas e conceitos elegantes.

A meta do estudo eficiente é a sintonia pessoal e existencial com o conhecimento divino.

A prática da filosofia esotérica transforma, de dentro para fora, tanto a mente como a alma e a vida do estudante. A dinâmica do estudo provoca este despertar através da afinidade dinâmica entre o microcosmo e o macrocosmo, entre a alma de cada indivíduo e a Alma do universo.

A caminhada interior permite que o peregrino viva em unidade consciente com o tempo eterno e a Lucidez Infinita.

Lin Yutang:

Certas Verdades Acerca do Povo



Lin Yutang (1895-1972)

Certas verdades acerca do povo tendem a ficar continuamente esquecidas, até que são descobertas novamente com as angústias da guerra. O povo possui certas qualidades que nada têm que ver com as salas tenebrosas da alta política nem com os degenerados e corrompidos círculos literários.

Há mais verdade, afeto, heroísmo, aventura, humorismo e simpatia, vida mais profunda e rica, no consultório de um médico de aldeia que no Ministério de Relações Exteriores de qualquer país. E é a verdade, o heroísmo, a aventura, o humorismo e a simpatia o que constitui o conteúdo da vida pelo qual a corrente da vida humana circula.

[Lin Yutang, no seu livro “Entre Lágrimas e Risos”, Irmãos Pongetti Editores, Rio de Janeiro, 1945, 271 pp., ver p. 125.]

... Vi então a Terra que tombava nas hiantes profundezas da imensidade; as cúpulas do Observatório, Paris iluminada, desciam rapidamente; não obstante sentir-me imóvel, tive a impressão análoga à que se experimenta em balão, quando, elevando-se nos ares, se vê a Terra descer. Subi, subi durante muito tempo, arrebatado em mágica ascensão para o Zênite inacessível. Urânia estava junto de mim, um pouco mais elevada, fitando-me com doçura e mostrando-me os reinos terrestres. O dia voltara. Reconheci a França, o Reno, a Alemanha, a Áustria, a Itália, o Mediterrâneo, a Espanha, o oceano Atlântico, a Mancha, a Inglaterra. Mas toda essa liliputiana geografia diminuía rapidamente. Em breve o globo terráqueo reduzido às aparentes dimensões do plenilúnio, depois às de uma luazinha cheia.

- Eis aí, disse-me ela, o famoso globo terrestre sobre o qual se agitam tantas paixões, e que encerra em seu círculo estreito o pensamento de tantos milhões de seres cuja vista não se estende ao Além. Vê quanto a sua aparente grandeza diminui à proporção que o nosso horizonte se dilata. Já não distinguimos mais a Europa da Ásia. Eis ali o Canadá e a América do Norte. Quanto é minúsculo tudo aquilo!

Passando perto da Lua, eu havia notado as paisagens montanhosas do nosso satélite, os cimos radiantes de luz, os profundos vales cheios de sombras, e teria desejado deter-me para estudar de mais perto essa morada vizinha; mas, sem mesmo dedignar-se lançar para ela um simples olhar, Urânia me arrastava em rápido voo para as regiões siderais.

Subimos sempre. A Terra, diminuindo de mais em mais, à proporção que nos distanciamos, chegou a ficar reduzida ao aspecto de simples estrela, brilhando com a luz solar no seio da imensidade vazia e negra. Tínhamo-nos voltado para o Sol, que resplendia no Espaço sem iluminá-lo, e víamos, ao mesmo tempo que a ele, as estrelas e os planetas, que a sua luz não apagava, por isso que não ilumina o éter invisível. A deusa angélica mostrou-me Mercúrio, na vizinhança do Sol; Vênus, que brilhava do lado oposto; a Terra, igual a Vênus comparada em aspecto e em brilho; Marte, cujos mediterrâneos e canais reconheci; Júpiter, com as suas quatro luas enormes; Saturno, Urano...

- Todos esses mundos, disse-me ela, são sustentados no vácuo pela atração do Sol, em torno do qual giram com velocidade. É um todo harmonioso, gravitando em redor do centro. A Terra não é mais do que uma ilha flutuante, uma aldeia dessa grande pátria solar, e esse império solar não é, ele próprio, mais do que uma província no seio da imensidade sideral.

Subíamos sempre. O Sol e seu sistema distanciavam-se rapidamente; a Terra não era mais que um ponto; Júpiter mesmo, esse mundo tão colossal, mostrou-se diminuído, e assim Marte e Vênus, a um pontinho minúsculo, apenas superior ao da Terra.

Passamos à vista de Saturno, cingido dos seus anéis gigantescos, e cujo só testemunho bastaria para provar a imensa e inimaginável variedade que reina no Universo; Saturno, verdadeiro sistema por si, com seus anéis formados de corpúsculos conduzidos em uma rotação vertiginosa, e com os seus oito satélites acompanhando-o qual um celeste cortejo!

À medida que subíamos, o nosso Sol ia diminuindo de grandeza. Bem depressa desceu à categoria de estrela, depois perdeu toda a majestade, toda a hegemonia sobre a população sideral, e não foi mais do que uma estrela, apenas mais brilhante do que as outras.

Eu contemplava toda aquela imensidade estrelada, no meio da qual nos elevávamos sempre, e procurava reconhecer as constelações; estas, porém, começavam a mudar sensivelmente de formas, por motivo da diferença de perspectiva causada pela minha viagem; a Via-láctea estava submergida sob o nosso voo, qual catarata de sóis em fusão, tombando ao fundo do Infinito; as estrelas das quais nos aproximávamos emanavam rutilâncias fantásticas, derramando uma espécie de rios de luzes, irradiações de ouro e prata, cegando-nos de fulgurantes claridades. Acreditei ver o nosso Sol, transformado insensivelmente em uma estrelinha, reunir-se à constelação do Centauro, enquanto uma nova luz, pálida, azulada, bastante estranha, chegava da região para a qual Urânia me conduzia. Essa claridade nada tinha de terrestre, e não me recordava nenhum dos efeitos que eu havia admirado nas paisagens da Terra, nem entre os tons tão cambiantes dos crepúsculos depois da tempestade, nem nas brumas indecisas da manhã, nem durante as horas calmas e silenciosas do clarão da Lua no espelho do mar. Este último efeito era talvez aquele de que esse aspecto mais se aproximava, mas a estranha luz era, e cada vez se tornava mais verdadeiramente azul, não de um reflexo de azul celeste ou de um contraste análogo ao que produz a luz elétrica comparada à do gás, mas azulada igual a - se o próprio Sol fosse azul!

Qual não foi a minha estupefação, quando me apercebi de que nos aproximávamos, com efeito, de um sol absolutamente azul, igual a um disco brilhante que houvesse sido recortado nos nossos mais belos céus terrestres, e destacando-se luminosamente em um fundo todo negro, todo constelado de estrelas! Esse sol safira era o centro de um sistema de planetas iluminados pela sua luz. Íamos passar pertinho de um desses planetas. O sol azul crescia a olhos vistos; mas, novidade tão singular quanto a primeira, a luz com que ele iluminava o dito planeta se complicava de um certo lado com uma coloração verde. Olhei de novo para o céu e avistei um segundo sol e esse de um belo verde-esmeralda! Não acreditava em meus olhos.

- Estamos atravessando, disse Urânia, o sistema solar de Gama de Andrômeda, do qual ainda não vês mais do que uma parte, pois ele se compõe, na realidade, não desses dois sóis, mas de três, um azul, um verde, e um amarelo-laranja. O sol azul, que é o menor, gira em torno do sol verde, e este gravita com seu companheiro em redor do grande sol alaranjado que vais avistar dentro em pouco.

Com efeito, vi logo aparecer um terceiro sol, colorido dessa ardente irradiação, cujo contraste com seus dois companheiros produzia a mais estranha das claridades. Conhecia bem tão curioso sistema sideral, por tê-lo mais de uma vez observado com o telescópio; mas, não suspeitava sequer o seu verdadeiro esplendor. Que fornalhas, que deslumbramentos! Que vivacidade de cores nessa estranha fonte de luz azul, nessa iluminação verde do segundo sol, e nessa irradiação de ouro fulvo do terceiro!

Mas, havíamos nos aproximado, conforme disse, de um dos mundos pertencentes ao sistema do sol safira. Tudo era azul: paisagens, águas, plantas, rochedos, levemente esverdeados do lado que recebia luz do segundo sol, e apenas tocadas dos raios do sol alaranjado que se erguia no horizonte longínquo. À medida que penetrávamos na atmosfera desse mundo, uma suave música, deliciosa, erguia-se nos ares à semelhança de um perfume, de um sonho. Jamais eu ouvira coisa igual. A doce melodia, profunda, distante, parecia vir de um conjunto de harpas e violinos sustentado por um acompanhamento de órgão. Era um canto delicado, que inebriava desde o primeiro momento; que não carecia de análise para ser compreendido, e que enchia a alma de volúpia. Parecia-me que teria ficado uma eternidade a ouvi-lo; não ousei dirigir a palavra ao meu guia, tanto receava perder-lhe uma nota. Urânia apercebeu-se.

Estendeu a mão para um lago e com o dedo indicou um grupo de seres alados que pairavam por cima das águas azuis.

Não tinham a forma humana terrestre. Eram criaturas evidentemente organizadas para viver no ar. Pareciam tecidas de luz. De longe, tomei-as, a princípio, por libélulas: tinham-lhes a forma esbelta e elegante, as vastas asas, a vivacidade, a ligeireza. Mas, examinando-as de mais perto, notei seu porte, que não era inferior ao nosso, e reconheci, pela expressão dos olhares, que não eram animais.

As suas cabeças pareciam-se igualmente com as das libélulas, e, à semelhança dessas criaturas aéreas, não tinham pernas. A música deliciosa que eu ouvia não era senão o ruído de seu voo.

Eram numerosíssimas, vários milhares talvez.

Viam-se, nos cimos das montanhas, plantas que não eram nem árvores, nem flores. Erguiam débeis hastes a enormes alturas, e esses talos ramificados sustentavam, parecendo braços estendidos, amplas taças em forma de tulipas. Essas plantas eram animadas, pelo menos no grau das nossas sensitivas, e mais ainda; e, igual ao desmódio (planta que tem forma de borboleta) de folhas móveis, manifestavam por movimentos as suas impressões interiores. Esses pequenos bosques formavam verdadeiras cidades vegetais. Os habitantes daquele mundo não tinham outras moradas além de tais plantas, e era no meio dessas perfumadas sensitivas que repousavam, quando não flutuavam nos ares.

- Este mundo parece fantástico, disse Urânia, e a ti próprio perguntas que ideias podem ter tais seres, que costumes, que história, que espécie de artes, de literatura e de ciências. Longo seria responder a todas as perguntas que poderias fazer. Fica sabendo unicamente que seus olhos são superiores aos melhores telescópios; que seu sistema nervoso vibra à passagem de um cometa e descobre eletricamente fatos que na Terra jamais se conhecerão. Os órgãos que estás vendo abaixo das asas lhes servem de mãos, mais hábeis que as vossas. Por imprensa têm eles a fotografia direta dos acontecimentos e a fixação fônica das próprias palavras. Não se ocupam, de resto, senão de pesquisas científicas, isto é, do estudo da Natureza. As três paixões que absorvem a maior parte da vida terrestre, o ávido desejo da riqueza, a ambição política e o amor lhes são desconhecidas, porque de nada carecem para viver, nem há divisões internacionais, nem outro governo além de um conselho de administração, e por que são andróginos (ambisséxuos).

- Andróginos! Repliquei. E ousei acrescentar: Será melhor?

- Coisa *diversa*. São grandes perturbações a menos em uma Humanidade. É preciso, continuou ela, desprender-se inteiramente das sensações e das ideias terrenas, para estar em situação de compreender a diversidade infinita manifestada pelas diferentes formas da Criação. De igual modo que sobre o vosso planeta as espécies têm mudado de idade em idade, desde os seres tão esquisitos das primeiras épocas geológicas até o aparecimento da Humanidade; de igual maneira que ainda agora a população animal e vegetal da Terra é composta das mais diversas formas, desde o homem ao coral, desde a ave ao peixe, desde o elefante à borboleta; assim também, e em uma extensão incomparavelmente mais vasta, entre as inumeráveis terras do Céu, as forças da Natureza têm dado origem a uma infinita diversidade de seres e de coisas. A forma das criaturas é, em cada mundo, o resultado dos elementos especiais a cada globo, substância, calor, luz, eletricidade, densidade, peso. As formas, os órgãos, o número dos sentidos - vós outros tendes apenas cinco, e esses mesmos

bastante pobres - dependem das condições vitais de cada esfera. A vida é terrestre na Terra; marciana em Marte; saturniana em Saturno; netuniana em Netuno -, isto é, apropriada a cada mansão, ou, para melhor dizer, mais rigorosamente ainda, produzida e desenvolvida por esse mundo em particular, conforme o seu estado orgânico, e segundo uma lei primordial a que obedece a Natureza inteira: a lei do Progresso.

Enquanto ela me falava, tinha eu acompanhado com o olhar o voo dos seres aéreos para a cidade florida, e vira com espanto as plantas a se moverem, erguendo-se ou abaixando-se para recebê-los; o sol verde descera abaixo do horizonte, e o sol alaranjado levantara-se no céu; a paisagem estava adornada de coloração feérica sobre a qual pairava uma lua enorme, metade alaranjada, metade verde. Então, a imensa melodia que musicava a atmosfera parou, e, em meio de profundo silêncio, ouvi um cântico, erguendo-se em voz tão pura que nenhuma voz humana lhe pudera ser comparada.

- Maravilhoso sistema, exclamei eu, o de tal mundo iluminado por semelhantes clarões! São estrelas duplas, tríplexes, múltiplas, vistas de perto?

- São esplêndidos sóis essas estrelas - respondeu-me a deusa. Graciosamente associadas nos laços de múltipla atração, vós outros as vedes, da Terra, embaladas duas a duas no seio dos céus, sempre belas, sempre luminosas, puras sempre. Suspensas no Infinito, apoiam-se uma na outra sem jamais se tocarem, tal qual se a sua união, mais moral que material, fosse regida por um princípio invisível, e, seguindo harmoniosas curvas, gravitam em cadência em torno uma da outra, celestes casais desabrochados na primavera da Criação, nas campinas consteladas da imensidade. Enquanto os sóis simples qual o vosso brilham solitários, fixos, tranquilos, nos desertos do Espaço, os sóis duplos e múltiplos parecem animar, com os seus movimentos, a sua coloração e vida, as silenciosas regiões do eterno vácuo. Esses relógios siderais marcam para vós outros os séculos e as eras dos outros universos. Mas, acrescentou, continuemos a nossa viagem. Estamos apenas a alguns trilhões de léguas da Terra.

- Alguns trilhões?

- Sim. Se pudéssemos ouvir daqui os ruídos do vosso planeta, os seus vulcões, a sua artilharia, os seus trovões, os alaridos das grandes turbas nos dias de revolta, ou os cânticos piedosos das igrejas que se elevam para o Céu, a distância é tal que, admitindo pudessem esses ruídos transpô-la com a velocidade do som no ar, eles não empregariam menos de cento e cinquenta mil séculos para chegar até aqui. Ouviríamos hoje unicamente o que se passara na Terra há quinze milhões de anos.

“Entretanto achamo-nos ainda, em relação à imensidade do Universo, mui próximo da tua Pátria.

“Continuas a reconhecer o teu Sol, lá em baixo, pequenina estrela. Não saímos do universo, a que ele pertence com o seu sistema de planetas.

“Esse universo se compõe de muitos milhares de sóis, separados uns dos outros por trilhões de léguas.

“É tão considerável a sua extensão, que um relâmpago, com a velocidade de trezentos mil quilômetros por segundo, empregaria quinze milênios em transpô-la.

“E por toda a parte, por toda a parte sóis, para qualquer lado que volvamos o olhar; por toda a parte fontes de luz, de calor e de vida, fontes de inexaurível variedade, sóis de todos os esplendores, de todas as grandezas, de todas as idades, sustentados no eterno vácuo, no éter luminífero, pela atração mútua de todos e pelo movimento de cada um. Cada estrela, sol enorme, gira sobre si mesma, qual esfera de fogo, e voga rumo de um fim. Vosso Sol caminha e vos leva para a constelação de Hércules; este, cujo sistema acabamos de atravessar, caminha para o sul das Plêiades; Sírius se precipita para a Pomba; Pólux se dirige para a Via-láctea; todos esses milhões, todos esses bilhões de sóis correm através da imensidão com velocidades que atingem duzentos, trezentos e quatrocentos mil metros por segundo! É o Movimento que sustenta o equilíbrio do Universo, que lhe constitui a organização, a energia e a vida.”

000

Reproduzido do livro “Urânia”, de Camille Flammarion, Federação Espírita Brasileira, tradução de Almerindo Martins de Castro, Copyright 1937, quarta edição, 197 pp., ver pp. 14-23. Digitação e revisão: Arnalene Passos do Carmo e Silvia Caetano de Almeida.

000

Camille Flammarion (1842-1925) foi espírita e membro do movimento teosófico enquanto Helena Blavatsky vivia. Seus escritos são elogiados em uma das Cartas dos Mahatmas.

Leia “[Camille Flammarion e a Defesa de uma Causa](#)”. Em francês, veja um texto de Flammarion sobre os Pralayas: “[L’Origine et la Fin des Mondes](#)”.

000

Examine o artigo “[A Ética Humana e os Terremotos](#)”, de Damodar K. Mavalankar.

000

A Lição do Sol em Peixes **A Transcendência Mística** **Deve Ser Protegida pelo Bom Senso**

Cada vez que o Sol percorre o signo de Peixes, o céu estimula um sentimento de amizade universal. Cabe viver a unidade ilimitada com o cosmos. A lição anual de transcendência começa em fevereiro e culmina na segunda metade de março.

Durante este tempo a energia da estrela local ensina a fortalecer a comunhão com o espaço sem limites e a duração eterna. Depois, o comandante do sistema solar entrará em Áries para abrir um novo ciclo zodiacal e iniciar uma outra jornada heroica da alma através dos doze signos.

[Clique para ler](#)
[“A Lição do Sol em Peixes”](#)

000

Ideias ao Longo do Caminho

A Paciência Amplia o Limite das Possibilidades



* **O** que é mais importante para quem deseja compreender e expressar a filosofia esotérica na vida diária: ler cuidadosamente “A Doutrina Secreta” [1] ou caminhar entre as árvores, no meio da natureza?

* E ainda: ler outros bons textos de teosofia ou aprimorar os seus laços de cooperação com as pessoas mais próximas?

* As árvores e os livros são nossos mestres, assim como os seres com quem convivemos. Os diferentes aspectos da vida são importantes.

* A filosofia integra o céu e a Terra. Ela combina o que é mais elevado e o que é mais básico. Ela harmoniza o material com o espiritual.

Aumentando o Campo das Potencialidades

* Uma coisa são as nossas possibilidades reais de ação e realização; outra coisa é o que nós pensamos que é possível fazer.

* Algumas coisas que nós calculamos que podemos fazer são, na verdade, impossíveis de colocar em prática. E realismo é fundamental. De outro lado, porém, algumas metas que nós consideramos que seria “impossível” alcançar são, na realidade, perfeitamente realizáveis.

* Na média, o ser humano exagera as suas limitações porque olha o seu futuro desde o ponto de vista do conforto, e o conforto é algo que deve ser abandonado, se alguém quiser alcançar uma meta valiosa.

* Caso alguém esteja disposto a ter paciência, a saber esperar, a trabalhar duramente e a deixar de lado esta ou aquela forma de rotina e acomodamento, as suas possibilidades de êxito

umentam consideravelmente e as suas potencialidades positivas - normalmente desconhecidas - passam a ser visíveis. Porque a vitória começa na mente de cada um.

Buscar a Verdade Requer Persistência

* Nossa capacidade de aceitar a verdade, quando a encontramos, ou quando “ela nos encontra”, é limitada.

* Ainda no caso do peregrino que tem boa vontade e já tomou a decisão de buscar e aceitar a verdade, é difícil adaptar-se aos fatos quando eles contrariam convicções profundas, destroem confortos emocionais básicos e derrubam fontes de bem-estar pessoal.

* O processo de aceitação da verdade, uma vez que ela seja irretorquível, exige paciência. É frequentemente lento. A verdade liberta, ela amplia horizontes, ela cura, mas precisa ser administrada com cuidado. Requer humildade. Da mesma maneira devemos ter paciência com nós mesmos diante da nossa lentidão e das nossas limitações quando se trata de colocar em prática o ideal de uma vida sábia.

* A lei da reencarnação existe exatamente porque a evolução dos seres humanos - e dos outros seres - não ocorre da noite para o dia. A maior parte das lições dadas por Pitágoras há 3.000 anos atrás ainda não foi aprendida pela humanidade. Mas cada dia conta. Cada hora e mesmo um minuto podem fazer a diferença para melhor. Um instante contém eternidades.

A Felicidade Vem de Dentro

* Um contentamento ilusório pode surgir da realização externa dos nossos desejos. A verdadeira felicidade está em escutar a voz da consciência.

* Enquanto a satisfação de curto prazo com frequência provoca sofrimento duradouro, as formas inteligentes de autossacrifício geram grande paz e contentamento durável.

* A indulgência é fonte de sofrimento desnecessário, enquanto a austeridade e a ação correta levam à verdadeira felicidade. A alma humana é capaz de amar de fato quando está livre de ambições artificiais e prefere ter uma vida de simplicidade voluntária.

NOTA:

[1] Veja “[A Doutrina Secreta](#)”.

Novos Itens em Nossos Websites

Este é o informe mensal dos websites associados.[1] Dia 04 de março havia 2836 itens em nosso [acervo](#), dos quais 21 estavam em [francês](#), 1311 em [português](#), 1291 em [inglês](#) e 210 em [espanhol](#). Havia três textos em [italiano](#).

Os seguintes itens foram publicados entre os dias 05 de fevereiro e 04 de março de 2021:

(Títulos mais recentes acima)

1. **Moshe Cordovero and Social Activism** - *Carlos Cardoso Aveline*
2. **El Yoga del Trabajo Editorial** - *Carlos Cardoso Aveline*

